**DANÇA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM CENA**

Neusa Dendena Klienubing – neusadk@unochapeco.edu.br[[1]](#footnote-1)

Deizi Domingues da Rocha – deizirocha@unochapeco.edu.br[[2]](#footnote-2)

RESUMO

Este texto apresenta resultados de intervenções realizadas junto aos professores do ensino especializado e da rede pública estadual de ensino, tendo por objetivo promover espaços de vivências e discussões sobre a dança. O estudo se desenvolveu a partir dos pressupostos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2007). As ações ocorreram no período de maio a outubro de 2011 envolvendo cinco instituições, sendo três no âmbito do ensino especializado para o trabalho com pessoas com deficiência e duas escolas da rede estadual de ensino. A análise dos dados sinaliza que as oficinas contribuíram para um processo de construção de um novo olhar para o corpo com deficiência e para a dança, e que esta prática pode sensibilizar para a beleza de todos os corpos, nas suas singularidades e potencialidades.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão universitária. Experiência Estética. Dança. Diversidade.

ABSTRACT

This paper presents results of interventions with teachers of specialized education and state public school system, aiming to promote spaces of experiences and discussions on dance. The study grew of the action search (THIOLLENT, 2007). The actions took place from May to October 2011 involving five institutions, three in the specialized education to work with people with disabilities and two schools in the state schools. Data analysis indicates that the workshops contributed to a process of building a new look at the body with disabilities and to dance, and that this practice can raise awareness of the beauty of all bodies, in their uniqueness and potential.

KEYWORDS

University extension. Aesthetic experience. Dance. Diversity.

1 INTRODUÇÃO

Há tempos temos acompanhado diferentes discussões em torno do papel da extensão universitária no processo de formação acadêmica e como prática que aproxima sociedade e universidade. Melo Neto (2003, p. 15) aponta que o trabalho da extensão “se volta à produção do conhecimento novo, dando um papel também social a esse produto da atividade extensionista”.

Nesse sentido, a extensão universitária não é vista como prática esporádica na qual o conhecimento produzido na academia é repassado à comunidade, mas sim como um processo no qual universidade e comunidade “conversam”, como um processo fundamentado na relação teoria-prática e na possibilidade de troca de saberes entre os atores acadêmicos – docentes e estudantes – e os atores que compõem o público alvo da ação extensionista, sinalizando as demandas existentes na sociedade.

Nesse processo, o projeto de extensão “Contradança”, alicerçado pelos princípios da educação estética, preconiza a dança como possibilidade de todos os corpos visando através dessa arte, contribuir para o processo de emancipação dos sujeitos. Iniciando suas ações em 2009, o objetivo foi divulgar uma proposta de dança que “foge aos padrões” e contribuir para a formação de novo olhar para as pessoas com deficiência. O projeto teve grande repercussão nas instituições de ensino especializado e nas escolas da rede regular que assistiram a mostra de dança, realizada naquele ano, no município de Chapecó - SC. A partir disso, em 2010 o projeto propôs oficinas de dança nas quais crianças, adolescentes e adultos com deficiência dançaram conjuntamente com escolares e professores da rede regular de ensino. Este foi um momento ímpar que possibilitou visualizar a necessidade de ações do projeto Contradança também nesse contexto.

Assim, fortalecidos pelas experiências anteriores ousamos em 2011, propor atividades que envolvessem diretamente os professores, tanto do ensino especializado quanto do ensino regular. Entendemos que em tempos de escola inclusiva, oferecer subsídios para que os professores vivenciem e reflitam sobre o “corpo diferente” que chega à escola é de fundamental importância, afinal são eles os mediadores entre o sujeito e o conhecimento a ser adquirido, produzido. Assim, tentar compreender melhor que corpo é este, como é possível a ele sentir, perceber e aprender é condição primeira para que o processo de formação aconteça.

Nesse sentido, o foco das ações foi promover junto aos professores espaços de vivências e discussões através da dança, refletindo sobre esta prática e sua relação no processo de formação humana e de (re)conhecimento da diversidade. Para isso foram realizados encontros em formato de oficinas de dança nas quais os professores puderam experimentá-la como possibilidade estético-expressiva.

Na sequência apresentamos o caminho metodológico traçado nesta ação e os resultados obtidos com relação às percepções dos professores referente a esta experiência.

2 CAMINHO METODOLÓGICO

As ações deste estudo foram organizadas seguindo a perspectiva da pesquisa-ação, conforme apresenta Thiollent (2007). Segundo o autor, este modo de fazer e pensar as intervenções deve estar de acordo com as exigências próprias da ação e participação dos sujeitos envolvidos na situação pesquisada.

As ações do projeto Contradança ocorreram no período de maio a outubro de 2011, envolvendo cinco instituições, sendo três no âmbito do ensino especializado para o trabalho com pessoas com deficiência e duas escolas regulares da rede estadual de ensino. Estas foram escolhidas por apresentarem um grande número de crianças e adolescentes com deficiência incluídos no sistema de ensino. As oficinas aconteceram em quatro momentos distintos e cerca de 130 professores participaram das atividades. A organização do trabalho seguiu os seguintes passos:

-*Diagnóstico Situacional:* realizado no primeiro encontro, consistiu-se em conhecer e descobrir as expectativas dos envolvidos, a partir das suas experiências vividas e leituras sobre dança e diversidade. Anteriormente ao encontro, foi disponibilizado aos envolvidos um texto o qual apresentava os objetivos e os elementos teóricos que fundamentam a ação do projeto Contradança.

*-Vivências Práticas:* realizadas em todos os encontros, caracterizou-se pela ação das atividades planejadas, objetivando a vivência, experimentação e criação em dança com foco no (re)conhecimento das possibilidades corporais, de forma individual e coletiva, possibilitando aos sujeitos envolvidos usufruírem da dança na perspectiva da educação estética, qual seja, dançar para ampliar as potencialidades humanas e (re)descobrir a beleza em todo movimento de dança, em todo corpo que dança, independentemente da sua condição corporal. As atividades práticas foram elaboradas a partir do diagnóstico situacional, das falas e envolvimento dos professores ao longo dos encontros.

- *Grupos de diálogos* – ao final de cada encontro o grupo reunia-se para discutir, refletir sobre as situações vivenciadas tentando visualizar as possíveis implicações pedagógicas dessas vivências.

As reflexões que passamos a apresentar neste texto foram construídas a partir dos dados obtidos pela aplicação do questionário entregue aos participantes no final do terceiro encontro. Este constava de questões relativas aos momentos até então vivenciados e foram respondidos de forma espontânea/voluntária sem identificação pessoal, constando apenas a instituição na qual trabalhava. É importante ressaltar que embora professores (gênero masculino) participaram das oficinas, somente professoras devolveram o questionário respondido. A discussão que segue apresenta e reflete sobre as questões mais significativas apontadas pelas professoras referentes a cada encontro realizado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 1º Encontro: no movimento da dança de todos os corpos

Falamos de um “ser corpo” que estabelece relações, que dialoga com os outros, que nos faz seres humanos com necessidades singulares. É pelo corpo que elaboramos um viver com sentido e significado de ser e estar no mundo e compreendemos e nos constituímos sujeitos em movimento pela/na vida. Pelo corpo somos, estamos, interagimos com o mundo, revelamos nossa subjetividade.

Pensando a dança como uma vivência possível a todos os corpos, no primeiro encontro realizado com os professores buscamos vivenciar e discutir esta possibilidade e foi do nosso interesse saber o quê, daquela vivência, havia ficado de mais significativo.

A professora B (APAE)[[3]](#footnote-3) afirmou: “o nosso corpo fala independente de qual o grau de movimento”.Essa ideia remete a discussão de Gonçalves (1994), quando assinala que o corpo-sujeito ao se-movimentar[[4]](#footnote-4), está em constante relação com o mundo, no qual todo movimento tem seu significado próprio a cada instante em que surge, estabelecendo um novo diálogo pessoal e próprio do homem com o mundo. Nisso também se aproxima a ideia da professora B (CAPP) quando afirma: “que este foi o momento em que pude experimentar o meu próprio corpo e perceber as tantas possibilidades que no dia a dia passa despercebido, consegui expor minhas possibilidades”, ou ainda, quando afirmam que esse momento possibilitou “ver que cada pessoa tem um jeito de se expressar e interagir com o outro. Que cada um tem possibilidades diferentes para movimentar o corpo, de descobrir novas maneiras” (professora E – CAPP).

Estas respostas ajudam a entender a ideia apresentada por Merleau-Ponty (1999), o qual afirma que é pelo corpo que elaboramos um viver com sentido e significado de ser e estar no mundo e, é por sermos corpos-sujeitos, que atuamos para/na (trans)formação da vida, da nossa existência. Assim, pelo corpo somos, estamos e interagimos.

Segundo Teixeira (2003, p.73)

(...) um corpo é de uma singularidade impressionante. O corpo pode lembrar ou ser muito parecido com o de alguém ou de outros, mas nunca é igual, até porque sua instância básica na dimensão espacial e temporal, da presença do aqui e agora, é moldada e atualizada a todo o momento. Ter consciência (capacidade de saber) e emoção (capacidade de sentir) também é singular (...). Especificamente na prática da conscientização do movimento tratamos de um corpo que sabe que sente, sabe que existe e sabe que sabe que existe e sente.

Em suas respostas algumas participantes fizeram menção à ideia acima, como escreve a professora E (ADEVOSC): “o mais significativo foi a questão de nos descobrirmos como sujeitos, como um corpo que fala, que se expressa, e de que não há barreiras, limites para o corpo dançar”. Ou ainda, que “esse primeiro momento serviu para desmitificar o conceito de dança, vendo-a a partir deste momento como possibilidade de todos os corpos” (professora X – APAE).Nessa perspectiva, podemos pensar que a dança se configura enquanto manifestação humana possível de modificações e inserção de novos conhecimentos baseando-se nas experiências e possibilidades de cada “ser”. O corpo que dança tem o privilégio de agir e provocar mudanças instituindo estados de movimento que inauguram um processo dialógico com o outro e com o mundo que o cerca.

Assim, o corpo e o movimento são condição *sine qua non* para viver a corporeidade na totalidade humana de ser, estar e sentir-se corpo (ROCHA, 2008). Ou, ainda, como argumenta Trebels (2006), no corpo entendido como totalidade humana que abarca aspectos tantos biológicos quanto sociais e culturais, o movimento adquire uma importância fundamental, já que se vislumbra principalmente “a figura” do sujeito na ação corporal. Assim, “a capacidade humana de se movimentar ganha, então, uma dimensão existencial como forma singular e original de relação com o mundo: esta relação ‘existir-para-o-mundo’, a que todos nós pertencemos” (TREBELS, 2006, p. 34). Entendemos assim, que a dança, fenômeno que se mostra com o corpo-sujeito em movimento, agrega, nesse movimento de dança, sentidos e significados atribuídos ao mundo vivido.



**Figura 1:** Registro do 1º encontro – Dança de/para todos os corpos.

**FONTE:** Dados desta pesquisa.

Nessa perspectiva convergiram várias respostas dadas pelas professoras: “Todos (corpos com deficiência ou sem deficiência) podem dançar e que dança não é uma atividade mecânica, precisa ser contextualizada, construída e que tenha significado” (professora D – ADEVOSC); “independente deste corpo ser diferente (gordinho ou magro, com deficiência ou sem) existe um ser que tem potencial a ser explorado” (professora I – ADEVOSC); e, ainda conforme escreveu a professora A (CAPP) “todo corpo pode dançar. Não há barreiras para o corpo dançante”.

A dança, no entendimento da professora S (APAE) torna-se “uma linguagem de expressão singular de cada um”.Estas falas remetem pensar a dança, segundo aponta Rosa (2008, p. 63), como uma pré-disposição “a conhecer as habilidades e limitações do corpo, é procurar compreender a linguagem, os hábitos e a cultura que vão ao longo do tempo sendo registrados no corpo de cada um de nós”.

As reflexões trazidas pelas professoras fazem pensar que as experiências corporais possibilitam um saber-sentir pelo/no movimento, permitindo que corpo-sujeito atue com o “poder” de ir além de simplesmente fazê-lo, mas sim, senti-lo e percebê-lo como forma de comunicação e expressão de singularidades, nem melhores, nem piores, apenas humanas.

3.2 2º Encontro: a dança e a possibilidade de (re)conhecimento do corpo outro – trilhando caminhos da sensibilização

O segundo encontro do projeto Contradança em 2011, foi marcado pela experiência de sentir-se outro. Situações que proporcionaram experimentar o corpo com algumas limitações tais como: não enxergar, não ouvir e não caminhar provocaram intensa discussão a respeito do que entendemos como limitação, deficiência, possibilidade e superação. Apoiadas pelos princípios da educação estética nossa intervenção focou a sensibilização dos sujeitos para reconhecer a beleza e a possibilidades dos corpos.

Nosso entendimento de belo remete às ideias de Schiller, discutidas por Saraiva (2012, p. 19), para o qual a beleza “não é algo que se configura numa forma (*Gestalt*) qualquer, e somente a sensibilidade humana pode experienciar essa forma e fazê-la viva em nosso entendimento; o que é sentido e entendido como belo será beleza”.

Por isso entendemos ser importante a vivência de situações que remetem a sentir, pensar e agir de diferentes formas, ampliando as sensações corporais e permitindo construir novos olhares sobre nós mesmos, sobre nossas limitações e potencialidades. Apresentando a intrínseca relação entre corpo e sensibilidade Galeffi (2007) argumenta que “sem corpo não há sensibilidade, sem sensibilidade não há corpo. Toda sensibilidade, assim, é corpo vivente*: modo de ser do que é em seu acontecimento anímico*. A sensibilidade é o sentido do corpo. Tudo o que vive é sensível de múltiplas maneiras” (p. 98).

Um dos objetivos foi perceber como os professores se sentiram ao vivenciar as situações de limitações corporais, para isso perguntamos como foi passar por essa experiência. Algumas das respostas dadas pelas professoras remetem à experiência singular de se colocar no lugar do outro[[5]](#footnote-5): “foi muito gratificante, única, pois, temos dificuldade em nos colocar no lugar do outro (professora K – APAE); “Quando você vê é uma realidade, se colocar no lugar do outro é bem diferente” (professora A – APAE); “Foi um exercício de empatia e respeito a diversidade” (professora S – APAE); “Neste momento senti mais dificuldade ou desconfortável, pois, tentar pensar ou agir como o outro não é uma tarefa fácil, expressá-la é ainda mais” (professora V – APAE); “Foi muito importante para saber como o outro é importante na nossa formação do ser humano, do diferente (professora F – APAE); “Se colocar no lugar do outro é fundamental, principalmente para compreendermos que cada sujeito tem sua particularidade, com muitas possibilidades e habilidades” (professora D – ADEVOSC).

Essas respostas contribuem para pensar que poucas vezes, nas ações cotidianas, paramos para “estranhar” ou apreciar aquilo e aqueles que fazem parte da nossa rotina. O que percebemos é que a necessidade de produção exigida pelo mundo contemporâneo afeta também as relações pedagógicas e pessoais. Há urgência em tudo, sempre há a sensação de que muitas coisas ainda estão por serem resolvidas. Nisso, a urgência para as coisas solapam nossa urgência para as pessoas, para o tempo de contemplação ao sujeito outro, tempo este, que nos possibilitaria aprender com o outro e a admirar suas singularidades.

Outras respostas deram indicativos de que a dança foi compreendida para além do simples gesto motor. Ela implica o corpo como totalidade presente no instante da dança. Nesse sentido, a professora M (APAE) relata que neste momento “foi interessante perceber que pequenos gestos, olhares, representam expressões que se transformam em movimentos da dança”; Também para professora B (APAE) “a dança ocorre dentro de cada ser dançante independente da limitação do físico. A empatia ocorre devido à sensibilização que ocorre no momento da troca, sempre nos superamos e contribuímos com os outros”.

Por fim, alguns relatos sugeriram que a experiência ofereceu oportunidades de redescobrir-se, implicando numa atitude diferente com relação a pensar e perceber o outro. Para a professora E (ADEVOSC), a experiência “foi bem marcante, pois, foi algo que nos fez pensar e agir como se estivéssemos no lugar do outro, fazendo-nos entender que nem sempre tudo o que é fácil para mim será para o outro. Cada corpo é um corpo que possui suas particularidades”. Para professora B (ADEVOSC) “foi um momento rico, porque vivenciar estes limites nos fez pensar e viver mesmo que por alguns momentos como é o dia a dia do outro, ao mesmo tempo descobrindo as possibilidades nas limitações/restrições”.

De modo geral, as respostas deram indicativos de que a experiência provocou estranhamentos e sensações nem sempre confortáveis, mas profundamente enriquecedoras, como expressa a professora G (ADEVOSC), para a qual a vivência “provocou pensar em nossas ações”. Isso permite concluir aquilo que Almeida (2001, p. 124), pontuou: “a cada nova experiência o corpo se remodela, possibilitando novas percepções de mundo [...] todo novo corpo é um novo sujeito no mundo”. Ou, ainda, podemos concordar com Marcuse (*apud* Saraiva, 2012) quando afirma que a arte, neste caso a arte da dança, “não pode mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança da consciência e impulsos dos homens e mulheres, que poderiam mudar o mundo” (p. 30).

Estas reflexões levam a pensar a dança como possibilidade para/de todos os corpos e ela se basta na sua materialização singular e sensível do corpo-sujeito que a sente, que a vive, criando a partir desta experiência novas perspectivas de (re)conhecimento da beleza do outro corpo, independente da sua condição corporal.



**Figura 2:** Registro do 2º encontro – Caminhos da sensibilização.

**FONTE:** Dados desta pesquisa.

3.3 3º Encontro: dançando com a diversidade

A dança como possibilidades de todos os corpos se sustenta na singularidade e sensibilidade de cada corpo-sujeito que dança. No entanto, para quem dança buscando um padrão de corpo perfeito, o ato de dançar, ainda, se sustenta na padronização de movimento e de corpo, o que nega a possibilidade de ser-corpo dançante na sua singularidade e na maneira de ser e estar no mundo. Contudo, para quem dança enquanto corpo-sujeito que é, esta experiência se torna um ato sensível e significativa.

Buscamos no terceiro encontro experimentar as possibilidades coreográficas a partir dos elementos da criatividade, sensibilidade e expressividade. As vivências anteriores deram suporte para esta nova etapa do processo. Foi o momento de compartilhar ideias, sensações, movimentos e os outros corpos. Nossa intenção foi identificar como os participantes se sentiram no processo de pensar, sentir, fazer dança.

Para a professora S (APAE) “a sensação foi de que todos nós somos criativos, iguais e diferentes, isto é: a beleza da dança”. Ainda, o sentimento para a professora D (ADEVOSC) foi de ter capacidade “criadora de uma coreografia que tinha significado para mim”; e que isso permitiu aos participantes perceber que “todos tem possibilidade de criar, de dançar” (Professora G – ADEVOSC); “Basta nos permitir” (professora B – CAPP).

Merleau-Ponty (1999) argumentou que toda a experiência é fonte de conhecimento e possibilita novo olhar para o fenômeno, sendo esse novo olhar através do meu corpo singular e do que eu construo com ele.

As experiências de nosso corpo construirão a nossa existência, darão significados a nossos projetos e ao conjunto de processos vividos. Experiências de um corpo pensamento, de um corpo arte, de um corpo que dança. De um corpo singular e universal, por consequência de suas experiências e de seus projetos (ROSA, 2008, p. 67).

Podemos compreender a dança como um fenômeno que, corporalmente manifestado, incumbe ao corpo a mediação entre o ser e o mundo numa totalidade vivida. Para Saraiva-Kunz (2003, p. 92) “[...] a dança é um fenômeno criado cuja presença vivida é uma *experiência* que faz emergir a reelaboração capaz de nos estimular muitas outras questões vitais para uma *nova* experiência”. Nisso, a resposta da professora K (APAE) indica que o ato de dançar lhe faz sentir-se“criando, pensando e vivendo”, possibilitando que esse corpo dançante se sinta, como indica a professora J (APAE), “realizado com capacidade de experimentar novos desafios, principalmente pensando em nossos alunos”.

A dança é uma linguagem corporal de um texto cultural que permite ao corpo-sujeito expressar sentimentos e sensações através do “se-movimentar” intencional, expressivo e singular. Neste sentido, a professora D (CAPP), expressa: “me senti mais valorizada e importante: eu também posso dançar!”.

Gaio e Góis (2006) argumentam que todo corpo pode dançar, quando acreditamos que a dança existe como uma expressão própria do ser humano e que esse ser humano de forma individual ou em grupo por meio de movimentos não-verbal expressa suas ideias com objetivos de denúncia ou libertação de algo. Segundo as autoras “a dança pode ser linguagem, para construção de uma nova cultura, de uma nova sociedade, de um novo mundo” (p. 19).

Acreditamos que a dança abre caminhos para a (re)elaboração e (re)leituras de mundo através das relações que ela nos permite compor com o espaço, o tempo e os outros corpos, difundindo a ideia de que o que nos enriquece, enquanto seres humanos, é a diversidade de situações e de sujeitos com os quais nos encontramos ao longo da vida, ou ainda, com a diversidade de corpos e de danças.



**Figura 3:** Registro do 3º encontro – Dançando com a diversidade.

**FONTE:** Dados desta pesquisa.

4 REFLEXÕES FINAIS: A DANÇA E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM CENA

Acreditamos que a dança possibilita outra forma de ser e estar no mundo, provocando uma ampliação na/da vivência do corpo em movimento nas suas variadas formas e significações alicerçadas, contudo, pela capacidade expressiva e intencional do movimento.

A relação de cada pessoa com a dança é algo diferenciada conforme sua vivência subjectiva e a realidade social. Ambas se reflectem na atribuição de significados que a pessoa faz, de forma que ela tem sempre uma compreensão biográfica da dança: cada pessoa tem formulado o significado que a dança tem para si (SARAIVA-KUNZ, 2003, p. 107).

Desta forma, as ações desenvolvidas pelo projeto de extensão Contradança foram traçando caminhos e encontros com a diversidade. As reflexões realizadas indicam a riqueza e a importância dos momentos dançados e discutidos, como relata a professora B (ADEVOSC), já que “possibilitou aos profissionais perceberem e se perceberem enquanto sujeito-corpo que dança”, bem como, “foi desafiador, em especial a oportunidade de se colocar no lugar do outro, respeitando-o” (professora D - APAE).

Em todos os encontros nos preocupamos em provocar reflexões que transcendessem a ideia de pensar a dança como um simples movimento mecânico, mas como fenômeno repleto de vida já que quem dança é sempre um corpo-sujeito com toda a implicação que há nisto. A realização de (re)leituras do que (re)conhecemos como corpo/movimento/dança trouxeram novas possibilidades, como aponta uma professora da Adevosc: “Briguei com um certo ‘preconceito’. Entendi a experiência sem igual. Levo várias ideias, novas possibilidades para agir e interagir com meus alunos”.

Lançar outro olhar e olhar de forma diferente ao que acontece ao redor, no espaço que estamos inseridos, implica em abrir possibilidades para que a “beleza estranha” ou o incomum apareça aos olhos. Acreditamos que os encontros contribuíram para a construção de olhar(es) capaz(es) de perceber, ser tocado e sensibilizado pelo movimento próprio e do outro, da mesma forma pela dança que emerge dos diferentes corpos em movimento. Para uma professora da APAE esse projeto “mostrou novas possibilidades nas quais todos podem dançar”; e, principalmente fez perceber que para/na dança “não há limites e que é possível vencer barreiras. Algo comovente e ao mesmo tempo surpreendente, pois nota-se o quanto há superação da parte dos nossos educandos, pois apesar de todas as dificuldades, nos surpreendem a cada dança” (CAPP).

O resultado das intervenções reforçou nossa crença de que a dança possibilita ao ser humano uma compreensão de mundo de maneira diferenciada, ou seja, é um aprendizado que se alcança através do saber-sentir e pelo se-movimentar. Enquanto arte vivida a dança provoca ao corpo-sujeito formação de um “ser” mais crítico, sensível, criativo e atuante na sociedade que o envolve, já que podemos entender que vivenciar a dança é um meio de buscar em si mesmo, através dos movimentos corporais, a plenitude da vida (ROCHA, 2008).

Entendendo a dança como espaço de respeito e manifestação da diversidade, como caminho para o encontro com outros corpos-sujeitos, podemos trilhar tempos e movimentos pela ação intencional e nos descobrirmos enquanto sujeitos dançantes e atuantes no mundo. Podemos potencializar a dimensão denunciadora e crítica da dança, desenvolvendo a sensibilidade de quem a aprecia, de quem a produz e, principalmente, de quem a sente, indiferentemente da maneira de senti-la.

O que aprendemos com as intervenções do projeto é que todos necessitam do outro e que o outro tem papel fundamental na nossa constituição. As experiências que travamos com outros se inscrevem em nossos corpos, nos ensinam, nos alimentam. Constatamos que todos os participantes saíram alimentados de movimentos, de reflexões, de dúvidas e de estranhamentos. Acreditamos que este seja o desafio das ações extensionistas, o de promover articulações com a teoria e a prática, construindo diferentes saberes-fazeres. Para o projeto Contradança, a dança é o caminho para a promoção de encontros com o sensível, o vivido e o(s) sentido(s); a dança é o caminho para uma educação que tem como mote principal a constituição de sujeitos capazes de olhar e reconhecer no outro um pouco de si mesmo e, desta forma, compreender que a (in)diferença que diminui o outro, também acaba por diminuir o sujeito que olha, já que está incapaz de reconhecer e respeitar o outro em si.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos Vinicius. A sagração da primavera ou a sagração de um corpo do artifício. In: SOTER, Silvia; PEREIRA, Roberto. (orgs) **Lições de dança 3**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2001.

GALEFFI, Dante Augusto. Educação estética com atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 21, n.77 jun/2007, p. 97-111. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1168/1067> Acesso: 16.09.2007.

GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica F. Dança, diversidade e inclusão social: sem limites para dançar! In: TOLOCKA, Rute Estanislava; VERLENGIA, Rozangela. (orgs). **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

GONÇALVES, Maria Augusta S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. São Paulo: Papirus, 1994.

MELO NETO, José. Francisco. Extensão universitária e produção do conhecimento**. Revista Conceitos**. Jan/Jun, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2º edição. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROCHA, Deizi Domingues. **Caminhos e possibilidades: uma proposta de dança na perspectiva educacional para pessoas com deficiência visual.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Comunitária Regional de Chapecó, Curso de Educação Física, 2008.

ROSA, Luciana. Uma experiência fenomenológica: o corpo que dança. In: XAVIER, Jussara; MEYER, Sandra; TORRES, Vera. (orgs). **Coleção dança cênica**: pesquisas em dança. vol.1 Joinville: Letradágua, 2008.

SARAIVA, Maria do Carmo. Educação Estética: o prólogo da dança-arte-educação. Uma leitura em Schiller, Adorno e Marcuse. In: SARAIVA, Maria do Carmo; KLEINUBING, Neusa Dendena. (orgs). **Dança:** diversidade, caminhos e encontros. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. **Dança e gênero na escola**: formas de ser e viver mediadas pela educação estética.Tese de Doutorado em Motricidade Humana. Portugal, Universidade Técnica de Lisboa, 2003.

TEIXEIRA, Letícia. Conscientização do movimento. In: CALAZANS, Julieta; CASTILHO, Jacyan; GOMES, Simone. (coord.). **Dança e educação em movimento**, São Paulo: Cortez, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15 ed. São Paulo: Cortez, (coleção temas básicos de pesquisa-ação), 2007.

TREBELS, Andreas H. A concepção dialógica do movimento humano: uma teoria do “se-movimentar”. In: KUNZ, Elenor; TREBELS, Andreas H. (orgs.) **Educação Física crítico-emancipatória:** com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006.

1. Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e docente do curso de Educação Física da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó e docente do curso de Educação Física na mesma instituição. [↑](#footnote-ref-2)
3. Todas as falas serão apresentadas desta forma: uma letra para identificar a professora e entre parênteses o nome da instituição à qual está vinculada. [↑](#footnote-ref-3)
4. Expressão cunhada por Elenor Kunz, ao se referir que o mais importante é perceber o “sujeito que se movimenta” e não, primordialmente, o movimento do sujeito. Na dança, essa ideia se traduz em valorizar o sujeito, sua singularidade, sua condição corporal (que é única) em movimento e não uma forma do movimento pré-determinada. [↑](#footnote-ref-4)
5. Sabemos da impossibilidade objetiva de se colocar ou viver a vida do outro. Porém o exercício de alteridade, ou seja, o exercício de nos aproximarmos da forma de ser do outro nos possibilita olhá-lo de forma mais sensível, reconhecendo sua forma/modo de ser e estar no mundo. [↑](#footnote-ref-5)